

MODELO DA CASA POPULAR NO RECIFE COMO RESULTANTE DA EMANCIPAÇÃO DA MULHER, COM INCLUSÃO NO MERCADO DE TRABALHO, E VALORIZAÇÃO DA NOVA FORMA DE MORAR

Maria Luiza de Lavor¹

Resumo:

Visando ampliar as reflexões e discussões sobre os modelos apresentados nos projetos das casas populares, construídas na cidade do Recife, no Estado de Pernambuco, nas décadas de 1940 a 1980, como solução para os problemas habitacionais, este trabalho enfoca as casas, terras, resultantes de projetos e políticas governamentais de valorização da mulher, emancipada pelo mercado de trabalho, e de atendimento a arquitetura moderna, a qual visava a redução do trabalho no lar, com o objetivo de identificar nas casas uma espacialidade oriunda desses projetos e, de modo específico apresentar os modelos adotados, concebidos segundo os princípios funcionalistas e racionalistas, e das políticas centralizadoras de habitação, utilizando a análise configuracional programática das plantas desses modelos, os quais foram agrupados por década sendo aqui seus resultados apresentados de forma gráfica, concluindo-se que cada década atende aqueles projetos e aquelas políticas de forma diferente embora exista um programa básico definido pelos governantes em razão dos estudos técnicos e da influência da arquitetura moderna.

Palavras-chave: Vilas. Casa Popular, Moradia no Recife.

Abstrat

Aiming to increase the reflections and discussions on the models presented in public housing projects built in the city of Recife, in Pernambuco, in the decades from 1940 to 1980, as a solution to housing problems, this paper focuses on homes, land, resulting projects and government policies to empower women, emancipated by the labor market, service and modern architecture, which aimed at the reduction of labor at home, with the aim of identifying a spatial houses coming from those projects and, in particular present the models adopted, designed according to the functionalist and rationalist principles, policies and centralized housing, using the configurational programmatic analysis of the plants of these models, which were grouped by decade here and its results presented in graphical form, concluding that each decade meets those projects and those policies differently even though there is a basic program defined by the rulers because of technical studies and the influence of modern architecture.

Keywords: Vilas, Public Housing, Housing in Recife.

Introdução

A visualização da casa popular nos campos histórico, social, político e econômico introduz o entendimento de que a sua inserção no espaço do Brasil moderno, deu-se com sua implementação nas políticas públicas, quando adquiriu um caráter peculiar e gerou novas visões tanto do espaço privado domiciliar, como do público.

Na medida em que, novos programas e políticas habitacionais ocuparam espaços na malha urbana definia-se a construção de um modelo para a casa do pobre. Nos debates sobre este tipo de moradia, iniciados no século XIX, e em discussão desde o início do século XX, surgiram e corroboraram com a posição defendida por Donzelot de que o modelo, substituto, deveria se

¹ Arquiteta- MS Desenvolvimento Urbano – FAUPE- 2006-Professora da Faculdade Damas da Instrução Cristã.

converter em um espaço confortável, higiênico, privativo que implicasse na redefinição da planta do programa no uso de novos materiais e de técnicas construtivas (CORREIA, 2004).

Sem sombra de dúvida a substituição do antigo abrigo, alojamento, mocambo ou cortiço, por um lugar confortável para atender às necessidades vitais da família, seria fundamental para a afirmação de um modelo da casa popular.

Procura-se atingir como objetivo geral: identificar na casa popular, térrea, o modelo resultante de um projeto político de valorização da família e em especial da mulher, emancipada por sua inclusão no mercado de trabalho; e como objetivo específico: apresentar o modelo da casa popular concebido segundo a funcionalidade e a racionalização dos espaços, e a simplificação das atividades domésticas. Nesta abordagem foram analisados vinte e um (21) projetos, da casa popular, construídos na cidade do Recife, entre 1940-1980, resultantes da ação dos governantes, como solução para resolver os problemas habitacionais.

A delimitação espacial, aqui apresentada deve-se à concentração de grande número dessas habitações, cujas ocupações nomearam o respectivo bairro, como é o caso do bairro do IPSEP.

A relevância do estudo é indicar no programa funcional, básico, que a casa popular atende: aos princípios modernistas, pela divisão de seu espaço interno visando obter o melhor funcionamento e a racionalização das tarefas domésticas, em espaços planejados, oportunizando o ingresso da mulher no mercado de trabalho pela redução da jornada diária de trabalhos no lar. Os resultados espaciais são traduzidos pelos modelos arquitetônicos, concebidos (plantas) e apresentados, de forma gráfica, por década de projeção e de construção.

O modelo inovador da Casa Popular

Um dos fatores mais decisivos para a afirmação do novo modelo da casa popular foi a racionalização dos espaços domésticos, ou seja, a busca do espaço possível de tornar mais eficiente qualquer atividade nele desempenhada, o que alterou o cotidiano e a rotina do interior da casa.

Destacou-se, neste sentido a compartimentação do espaço da moradia, priorizando a função e o zoneamento. Entende-se como função um tipo de atividade praticada e necessária ao uso e ao funcionamento de um ambiente e, como zoneamento a reunião de outros ambientes que por afinidade de uso, formam uma zona. O zoneamento é o agrupamento de ambientes de usos afins ou de mesma função. O zoneamento torna básica a simplificação dos serviços domésticos, pela racionalização da cozinha e de outras áreas, tal como a de serviço, onde foi introduzido o tanque de lavar roupas (CORREIA, 2004).

A consolidação do funcionalismo no espaço doméstico é percebida com as zonas de estar, íntima, e de serviços, organizando tecnicamente a planta, inspirada nos projetos de casas mínimas e econômicas. Essa consolidação conceitual foi entendida como “uma solução original e suscetível

de originar novos hábitos e um novo modo de vida conforme as idéias que têm do futuro os meios progressistas, políticos e arquitetônicos”, BONDUKI, 1998, p.142 apud KOPP.

Com esses pressupostos a concepção de um modelo de moradia popular comprometia-se com os ideários políticos, e ao mesmo tempo, com a formação de uma nova sociedade que almejava uma nova forma de morar, especialmente no tocante à formação de novos hábitos, inerentes ao novo uso da casa. Esses hábitos eram ainda difíceis de serem apreendidos por um povo não acostumado a determinadas estruturas e organizações como: saneamento e compartimentação. Era novidade o uso do banheiro com latrina, do lavatório e do chuveiro, principalmente, por estes pertencerem ao corpo da casa.

A configuração do novo modelo de casa delineava-se como o lugar adequado ao desenvolvimento das atividades domésticas facilitadas pelo aparecimento de quartos arejados, salas para convivência, cozinhas com pia, balcão e armários, bem diferentes dos espaços dos cortiços. Na Figura 01 a planta baixa de um cortiço² mostra a área única do aposento, de uso privado da família, onde todos permaneciam à noite enquanto, durante o dia, a área pública servia para o trabalho doméstico. No cortiço, todas as atividades eram exercidas no mesmo espaço tornando-o de uso coletivo.

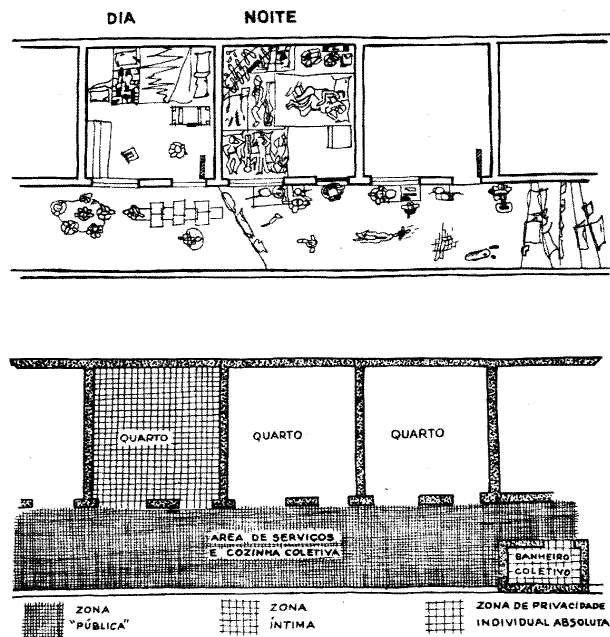


Figura 01
Planta baixa de um cortiço, tipo de moradia anterior à casa popular
Fonte: FOLZ, 2003

² - Cortiço – Segundo Aurélio Buarque de Holanda - tipo de habitação coletiva usada por pessoas pobres.

As facilidades, do novo modelo, estabeleciam uma relação da casa com o urbano pela vinculação desta, com as redes de abastecimento (de água e esgoto, sistema viário), de equipamentos coletivos (creches, escolas), de locais de trabalho (indústrias, fábricas) e de lazer (praças).

Com esta configuração, os técnicos, incluindo os arquitetos e engenheiros, pensavam contribuir com o ideário progressista, por meio do qual, a construção de espaço planejado seria o símbolo de um novo modo de vida, de uma nova época onde o tempo livre, oportunizasse uma socialização. Tempo este, resultante do trabalho doméstico executado em menos tempo, só possível em espaços planejados. Era a modernização da casa e a grande contribuição no projeto de transformação da sociedade. A casa qualificava-se a partir daquele momento como:

“... morada de uma família nuclear, com uso eminentemente residencial e de repouso, protegida de estranhos e com a organização interna presidida por preocupações com higiene, privacidade, conforto e economia, inclusive de tempo e esforço na realização das tarefas domésticas, (CORREIA, 2004, p.57)”.

O pressuposto da casa como nuclear reduz seu espaço ao uso exclusivo de uma só família. Estabelece as relações de comportamento em uma nova ordem incorporada pelo uso dos espaços e do tempo, exatamente, por se opor as casas de espaços únicos, pequenos e imundos, sem atrativos, destrutivos da família.

Para atender aos projetos políticos houve a necessidade de racionalizar a casa e as tarefas do lar, reduzindo o tempo nelas despendido. A economia de tempo na execução das tarefas, apenas seria possível em espaços limitados, organizados, iluminados, com mobiliário adequado e de fácil limpeza. Desta forma a mulher, trabalhava menos em casa, e dispunha de tempo para trabalhar fora.

Tendo em vista esta redução de tempo e de atividades, procurou-se mecanizar a cozinha, incutindo novas práticas e rotinas estudadas na Economia Doméstica, que tinham por base o Taylorismo - redução do tempo gasto numa tarefa - o qual significava para o operário, maior produtividade. A racionalização definia os ambientes da casa individual e familiar relacionados entre si possibilitando a disposição do mobiliário como facilitador do desempenho das atividades no lar, encurtando distâncias facilitando deslocamentos. Assim, revestia-se a casa, de um espírito inovador, concebida segundo o tamanho da família, os seus afazeres e a sua intimidade conquistada com a separação dos quartos por: gênero, idade e estado civil. Em decorrência desta separação a casa agrupa os cômodos segundo as suas funções e o tamanho da família gerando um número de cômodos adequados ao programa, ao dimensionamento e a forma geométrica que facilite e favoreça a eficiência do trabalho doméstico tornando-a produtiva por permitir a realização das tarefas domésticas em menos tempo e com o menor esforço.

Os modelos estudados

As unidades estudadas, vinte e uma (21) foram selecionadas por ano de construção, em atendimento ao recorte temporal fixado – de 1940 a 1980 (período de construção da maioria dos conjuntos populares, térreos); por órgãos governamentais envolvidos com a problemática

habitacional tais como: Liga Social Contra o Mocambo, Institutos de Aposentadorias e Pensões e o BNH, e por bairro (território de implantação da maioria desses conjuntos).

Configuração programática da Casa Popular

A configuração programática, basicamente, é representada pelos títulos. Títulos são os nomes que designam os ambientes e definem os usos das áreas de atividades formalizando um programa. Os ambientes estão voltados aos espaços e às funções neles desempenhadas e explicitam o Programa (LOUREIRO, 1999, p. 259).

Os resultados dos títulos computados nos modelos, da casa popular, das décadas estudadas, apresentaram um programa funcional básico composto de: terraço, sala, quartos, banheiro e cozinha. Em alguns modelos aparece o terraço de serviço. O número de títulos e sua organização funcional demonstraram que a configuração programática depende dos projetos políticos dos governantes e do pensamento técnico correspondente à década de construção.

Resultado dos projetos selecionados das décadas de 40/50/60/70

O resultado obtido na análise configuracional encontra-se indicado no quadro 01, abaixo:

Década	Amostra	Terraço	Sala	Q1	Q2	Q3	WC	Coz	Serv	Circ
40	03	02	03	03	03	01	03	03	0	01
50	09	09	09	09	09	05	09	09	04	08
60	05	05	05	05	05	03	05	05	01	05
70	04	02	04	04	04	02	04	04	02	03
	21	18	21	21	21	11	21	21	07	17

Quadro 01
Configuração Programática dos modelos selecionados
Fonte: Elaboração da autora, 2004

A leitura do quadro 01 indica que o programa básico exigido na década de 40 não apresenta o ambiente destinado a serviços (lavar e passar roupas). Este título só começa a surgir a partir da década de 50 como mostram os modelos gráficos que seguem.

Modelos da casa popular, por década

No intuito de esclarecer a configuração programática, os modelos da casa popular são apresentados por década, em plantas baixas. O objetivo é mostrar a obediência projetual do pensamento técnico ao programa básico ditado pelas diretrizes das políticas governamentais e da arquitetura moderna.

Modelos representativos da década de 1940

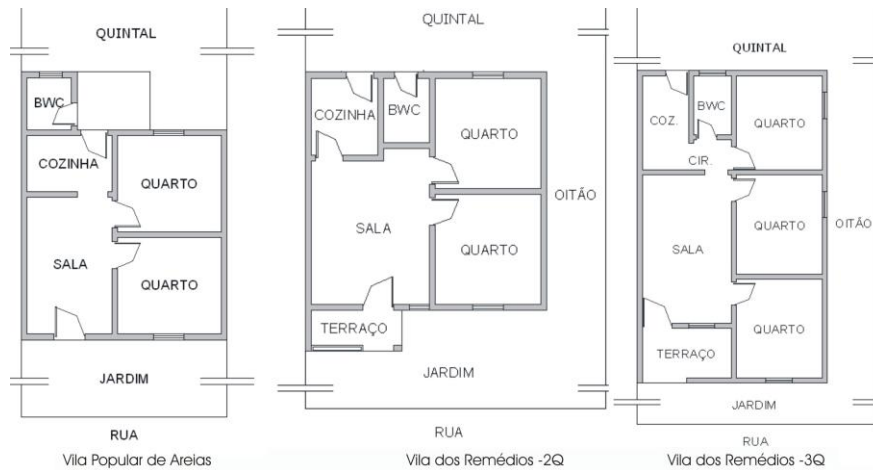


Figura 02

Plantas baixas de casas populares da década de 40
Fonte: 5ª Coordenadoria da Prefeitura da Cidade do Recife

Nesta década as casas são térreas, conjugadas, atendem a operários sindicalizados e o programa assinalado é o básico, acrescido do terraço ou alpendre, destacando-se a posição do banheiro. Este modelo (figura 02) foi adotado por favorecer ao controle visual dos membros da família, considerada como célula *mater* da sociedade.

Modelo representativo da década de 1950

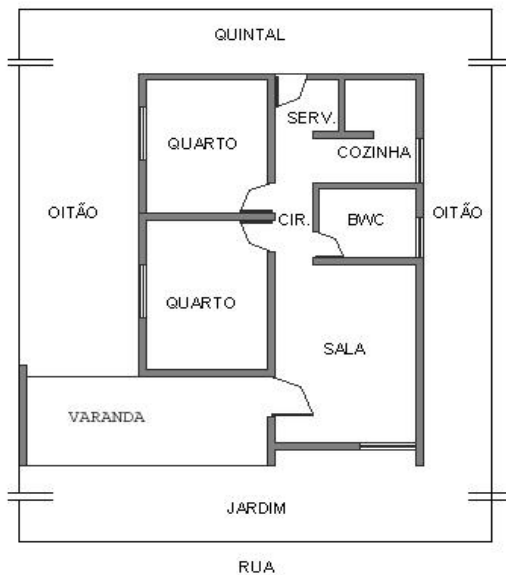


Figura 03

. Planta baixa de uma casa popular da década de 50
Fonte: 5ª Coordenadoria da Prefeitura da Cidade do Recife

Em 1950, a tipologia da casa popular continua com os princípios arquitetônicos anteriores (figura 03). Destacam-se os conjuntos habitacionais, com casas geminadas, térreas, incorporando às cozinhas o terraço de serviço. Os projetos abandonam o pensamento higienista, mas permanecem como projeto político dos governos.

Modelo representativo da década de 1960

Os projetos nesta década são guiados pela política centralizadora do governo com a criação do BNH- Banco Nacional de Habitação; COHABs - Companhias de Habitação e das INOCOOPs- Cooperativas Habitacionais. Os modelos continuam com o padrão mínimo configuracional e programa básico com: terraço à frente e banheiros internos. Prosseguia a solução econômica de casas geminadas, em grandes conjuntos periféricos, próximo às indústrias e distante dos centros urbanos (figura 04).

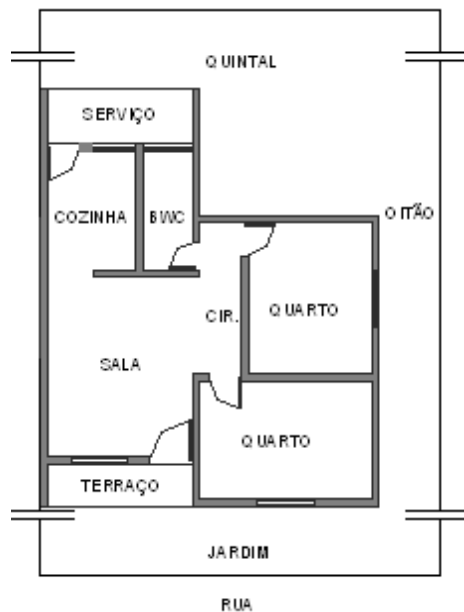


Figura 04

. Planta baixa de uma casa popular da década de 60
Fonte: 5ª Coordenadoria da Prefeitura da Cidade do Recife

Modelo representativo da década de 1970

Nesta década os projetos começam a inovar na configuração espacial deslocando as cozinhas da parte posterior para o meio ou frente da casa. Atendem ao pensamento técnico, porém continuam

a obedecer às diretrizes dos programas governamentais ditados ainda pelo BNH, INOCOOP e COHABs, conforme o modelo da figura 05, abaixo.

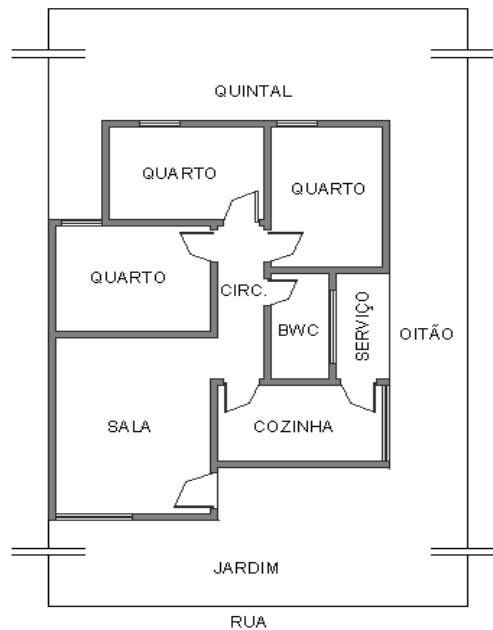


Figura 05

. Planta baixa de uma casa popular da década de 70
Fonte: 5ª Coordenadoria da Prefeitura da Cidade do Recife

Conclusão

O novo modelo de morar baseado na organização espacial (função/zonamento) postulada pela arquitetura moderna foi aos poucos se tornando racional e se especializando, pela definição de lugares próprios para as diferentes atividades.

Os programas governamentais, voltados para os operários sindicalizados, passaram a incluir a casa independente da área de produção, com locais específicos para repousar, estar (conviver) e trabalhar (serviços do lar). O novo modelo tornava a casa restrita e disciplinadora exclusiva de seus moradores (FOUCAULT, 1977).

No processo de concepção projetual, técnicos e governo, cada vez mais buscavam a redefinição que interferiria na configuração da planta, no dimensionamento e na economia da construção. A partir desta racionalização a planta, sofreu alterações em alguns setores, principalmente na cozinha, no banheiro e nas áreas de serviço, aos quais foram introduzidos de maneira obrigatória: as pias, as bacias e os tanques de lavar roupas. O objetivo era favorecer a mulher na redução e simplificação da jornada doméstica possibilitando sua inclusão no mercado de trabalho (fabril).

No mesmo sentido, para fins de privacidade, isolamento, aeração e estética volta-se o pensamento técnico aos pressupostos do planejamento urbano moderno, no qual a casa seria o objeto colocado em seu posto, dentro da organização da rua ou do bairro, convivendo com a natureza e com o embelezamento da cidade introduzindo-se os jardins nos recuos frontais.

A implantação da casa dentro do lote seria capaz de modificar o comportamento do homem pelo contacto com o verde, com o sol, com as áreas salubres e individuais, diferentes daquelas imundas e pequenas encontradas nos cortiços.

Os modelos da casa popular nas décadas de 1940 a 1980 revelam a configuração programática ou programa básico composto pelos ambientes ou títulos: sala, quartos, cozinha, banheiro, alpendres ou terraços e terraços de serviço. A forma geométrica retilínea justifica o uso racional e funcional de seus espaços compartilhados e zoneados para facilitar o desempenho doméstico.

Na década de 40 o atendimento dos programas políticos, governamentais e higienistas, exigiam casas térreas geminadas; na de 50 continua o modelo térreo geminado de mesma configuração programática anterior. Aparecem os conjuntos habitacionais e se abandona o pensamento higienista, permanecendo os projetos políticos dos governos; na de 60 nasce a política centralizadora do governo sob o comando do BNH - Banco Nacional de Habitação; das COHABs - Companhias de Habitação e das INOCOOPs - Cooperativas Habitacionais. Prossegue a solução econômica de casas geminadas e o programa básico com banheiro no corpo da casa. Surgem os grandes conjuntos nos arredores das fábricas distantes dos centros urbanos; finalmente na década de 70 há a ruptura na concepção espacial. Passam a existir deslocamentos na hierarquia dos ambientes e as cozinhas aparecem no meio ou frente da casa. Nesta década é atendido o pensamento técnico, porém sempre obediente às diretrizes dos programas centralizadores governamentais do BNH, da INOCOOP e das COHABs.

Portanto, os modelos da casa popular, nas décadas estudadas apresentam-se como resultantes dos projetos e programas governamentais cujo objetivo era atender à mulher emancipada e absorvida pelo mercado de trabalho, oferecendo espaços cada vez mais funcionais e racionais para facilitar o desempenho da jornada de trabalho doméstico.

Referências

- BONDUKI, Georges. **Origens da habitação popular no Brasil**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.
- CORREIA, Telma de Barros. Título do cap. In: **A Construção do Habitat moderno no Brasil – 1870-1950**. São Carlos: RIMA, 2004.
- COUTINHO, Evaldo. **O espaço da arquitetura**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1992.
- FERREIRA, Rosilda Arruda. **A pesquisa científica nas ciências sociais: Caracterização e procedimentos**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1998.
- FOLZ, Rosana Rita. **Mobiliário na Habitação Popular**. São Carlos: RIMA: 2003.

- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: História da violência nas prisões.** Vozes, Petrópolis: 1977.
- KLEIN, Alexander. **Vivienda mínima: 1906-1957.** Barcelona, Gustavo Gilli, 1980.
- LAVÔR, Maria Luiza. **Revelação moderna: análise das vilas populares da cidade do Recife nas décadas de 1940/1980.** Dissertação de Mestrado – MDU/UFPE, 2006.
- LOUREIRO, Cláudia. **Classe, controle, encontro: o espaço escolar.** Tese de Doutorado – FAUSP, 1999.
- TEDESCHI, Enrico. **Teoria de la arquitectura.** Bueno Aires: Nueva Visión, 1980.
- VERÍSSIMO, F. Salvador, BITTAR, W. S. Mallman. **Quinhentos anos da casa no Brasil: as transformações da arquitetura e da utilização do espaço de moradia.** Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.